

ESTUDO DO APRENDIZADO APLICADO AO ATO DA EXTENSÃO: COMUNIDADES MENOS FAVORECIDAS

Gil Dutra Furtado^I
Cátia Alessandra Câmara Barbosa^{II}
Rosemary Araújo Monteiro^{III}
Dimíttri de Araújo Costa^{IV}
Ellen Monteiro Furtado^V

RESUMO

A importância da aprendizagem aplicado ao ato de extensão, pelas comunidades menos favorecidas (agricultores, quilombolas, pescadores, indígenas, dentre outros), é imprescindível para sua adaptação aos requisitos dos novos tempos em que vivemos. Buscando atender essa demanda, são, portanto, necessárias habilidades adequadas aos que desenvolvem a extensão, objetivando que estas comunidades venham a ter este privilégio assegurado. Os extensionistas devem ter formação perita que os habilite a estes atendimentos, utilizando metodologias adequadas. Pretende-se com este artigo apresentar uma breve descrição dos resultados conseguidos com a extensão realizada em comunidades menos favorecidas nos últimos anos de atuação da Universidade Federal da Paraíba. Serão abordadas teorias, destacando as ideias principais de Piaget (1944), para melhor compreender os mecanismos de aprendizagem, apresentados por estas comunidades, e finalizamos com a apresentação de algumas alternativas de procedimentos para ampliar a eficácia da comunicação com as comunidades.

PALAVRAS-CHAVE

Psicopedagogia. Psicobiologia. Comportamento

INTRODUÇÃO

A promoção da integração entre pesquisadores, acadêmicos e os que compõem as comunidades pesqueiras, quilombolas, rurais, indígenas, entre outros, é essencial para a descoberta de novos saberes dentro do contexto do conhecimento tradicional¹. Desta forma, é importante que sejam divulgados os resultados de pesquisa e extensão que discorrem na aprendizagem do comportamento do ser humano no ato do aprender, favorecendo

a compreensão e o melhor direcionamento das ações entre os personagens constantes desta construção que se desenvolve mediante a extensão. A experiência adquirida, com as diversas comunidade trabalhadas, tem contribuído para o enriquecimento dos pesquisadores e acadêmicos de técnicas na ação da extensão praticada pela Universidade e, por isso, observa-se uma participação mais consciente dos residentes destas comunidades.

I. Engenheiro Agrônomo; Doutor em Psicobiologia; Professor das Faculdades de Enfermagem e de Medicina Nova Esperança – FACENE/FAMENE; Professor Colaborador do PRODEMA/UFPB; Av. Oceano Indico, No. 240, ap. 104, Intermare Neighborhood, Cabedelo, Paraíba, Brazil CEP: 58102222; gdfurtado@facene.com.br.

II. Graduação em Pedagogia/UNP, Especialista em Psicopedagogia/UNP. Pedagoga do Nape- Núcleo de acessibilidade e apoio psicopedagógico, na Universidade Potiguar-RN. Email: catia.gencati@gmail.com.

III. Mestra em Manejo e Desenvolvimento de Meio Ambiente; Fisioterapeuta; Docente da UFRN; rosemarymonteiro1@gmail.com.

IV. Biólogo; Mestre em Ecologia e Monitoramento Ambiental; Doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA)/Universidade Federal da Paraíba; costa.researcher@yahoo.com.br.

V. Graduada de Veterinária; Universidade Potiguar-RN; ellenmonteiro3@gmail.com.

METODOLOGIA

Por meio de palestras, dia de campo, treinamentos, implantações de projetos, troca de experiências, incluindo conversas formais e informais, adquiridas através de muitas ações em campo e reunidas em seis anos de ação junto à comunidades diversas, como a comunidade de pesca da Praia da Penha, Assentamentos como os de Tambaba-Conde-PB, e o Assentamento Nova Vida-Pitimbu-PB, no

PROBLEMATIZAÇÃO

Um dos pontos que podem responder pelo insucesso do aprendizado é a situação sociopolítica que envolve a adaptação ao ambiente em que os indivíduos passam a estar, vivenciando o novo contexto que lhes é apresentado. Tal ambiente, por vezes, pode lhes ser bem distinto daquilo que eles estão acostumados a vivenciar com sua família e em sua comunidade. Seu conhecimento adquirido com o passar do tempo, junto aos familiares e os demais da comunidade, não é levado em conta, tornando este um forte motivo para o fracasso.^{2,5,6}

A educação é uma condição indispensável para o alcance da liberdade humana⁸. Sendo assim, a oportunidade dos indivíduos do meio rural de adquirir conhecimento, que vem mediante a educação, lhes é de valia para lhes proporcionar a liberdade que eles desejam e no caso de muitos, segundo a sua visão, já vivem, porém necessitam se atualizar com as técnicas modernas para continuarem a usufruir deste status. Neste sentido, estas comunidades

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria das comunidades, menos favorecidas, são considerados artesanais, pois, em regra geral, estas têm como objetivo principal consumir o adquirido localmente (o que foi pescado, caçado, cultivado de forma simples, dentre outros). O que

Litoral Sul da Paraíba, Zona da Mata, comunidades indígenas, como a da Baía da Traição e a comunidade de Quilombola de Ipiranga, no distrito de Gurugi, município de Conde e a contribuição da pesquisa científica, foi possível redigir o conteúdo que se segue, sempre tendo como objetivo ampliar o campo de compreensão da comunicação que é imprescindível para a realização da extensão.

vivem o mundo que conseguem entender, vivenciando a família, o trabalho e as situações políticas sociais da comunidade onde residem, favorecendo ao seu bem-estar e felicidade que sentem. Hoje em dia, influenciados pela mídia, estes passam a reavaliar suas realidades, a de suas famílias e a da comunidade, se deparando com um mundo muito além de sua realidade, porém desejável.

Ao juntar o querer com o poder este indivíduo passa a sentir a necessidade de se atualizar, na intenção de poder continuar a se sentir um ser útil para si e para os que estão a sua volta.

Segundo Weiss e Cruz¹⁰, o sujeito que está em processo de construção de seu conhecimento, seja este em situação formal ou informal, não é determinado somente pelo seu potencial cognitivo, pois ele é o resultado da interação do seu aparelho biológico, com suas estruturas psicoafetiva e psicocognitiva, nas interações com o meio social no qual ele está inserido.¹⁰

pode ser observado em todas as regiões do país onde problemas sociais, como o desemprego e a baixa escolaridade são evidentes, tendo nestas atividades a única maneira de se adquirir alimento e alguma remuneração para a sustentação familiar.⁸

O extensionista deve reconhecer que para a aprendizagem do indivíduo é importante que se completem três fases, que são: a assimilação, o esquema de ação e a acomodação. Para Piaget (1944), a inteligência é comparada a adaptação, que nos animais é utilizado para sobreviver e conservar o equilíbrio entre o organismo e o meio ambiente onde se encontra, sendo que, no caso do ser humano, este tem uma participação muito mais ativa³. As comunidades menos favorecidas dependem de aprender para poder se manterem socialmente. Por isso, a aplicação destes conhecimentos faz a diferença no aprendizado deles. Sem dúvida, podemos ver que eles aprenderam, uma vez que vivem do fruto de seu trabalho, indicando que os mecanismos de aprendizado psicossocial e psicocognitivo foram eficientes para os saberes transmitidos de geração em geração, nas próprias famílias e comunidades.⁴

O conteúdo, que o extensionista deseja repassar para este, deve ter a capacidade de atrair a sua atenção, sendo bem criativo, quer seja porque a matéria é algo de interesse pessoal para o indivíduo, e sendo assim, ele quer aquele conhecimento; quer seja pela maneira como o extensionista prepara o conteúdo para a apresentação ao indivíduo, tornando-o atrativo e convincente, ou ainda fazendo uso das duas situações concomitantemente.

Neste momento, o extensionista é de fundamental importância para estabelecer este elo, por sempre estar atento as oportunidades de observar, interagir, compreender as pessoas, envolvidas neste processo. É o extensionista o organizador e também o mediador para a concretização do repasse da informação como ela deve ser entendida e compreendida pelos comunitários. Que ele seja, a princípio, um colhedor de informações da comunidade onde irá desenvolver seu trabalho e que esteja atento as potencialidades locais, para poder trabalhar conteúdos vivenciais, através da realidade da população des-

as comunidades, onde está inserido, para realização dos trabalhos pedagógicos, adequando metodologias e conteúdos que sejam mais próximos. Que faça com que se realizem os princípios fundamentais de igualdade dos direitos educacionais garantidos por lei, através das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação.

Na comunidade da Penha, como exemplo aplicado neste caso, os pescadores têm particularidades que são relatos oriundos das observações dos educandos do PRODEMA/UFPB, sendo estes seus comportamentos de trabalho, lazer, relacionamentos sociáveis entre eles, hierarquia, vícios, valores e outros, que fazem a diferença durante o inter-relacionamento entre os personagens do ato extensionista, trazendo resultados valiosos de aceitação e cooperação entre todos.

O extensionista deve atuar objetivando seu total desenvolvimento e agir de forma a possibilitar aos indivíduos o acesso ao conhecimento que lhes sejam úteis e que o profissional deseja compartilhar, intermediando sua busca por novos conhecimentos em direção a seu bem-estar.

A ele compete ponderar no que está envolvido durante ato de aprender e, consequentemente, de ensinar. A extensão é uma estrada onde se leva um conhecimento acadêmico e se recebe um conhecimento consolidado dos saberes da comunidade, tornando estes um momento de criação em meio a comunicação nos dois sentidos. Vemos que, a solução de um novo problema e o instrumento de coordenação dos meios para atingir um determinado fim, pelos pescadores, podem ser vistos como um ato de inteligência da parte dos próprios pescadores, sendo o pensamento representativo da inteligência interiorizada.

Para a adaptação, portanto, na aprendizagem podemos entender que⁵:

A assimilação é a incorporação dos novos elementos que estão sendo apresentados ao indivíduo, no meio onde ele está inserido.

O esquema de ação, é formado por experiências que podem ser generalizadas e plotadas para uma outra ação. Este é o que há de comum nas iniciativas tomadas pelo indivíduo frente à nova situação, a qual dá origem a novos esquemas e assim sucessivamente.

A acomodação é a capacidade de modificar os esquemas de assimilação frente à pressão do meio exterior, visando a alcançar a adaptação.

A adaptação é o equilíbrio, ativo e dinâmico, entre a assimilação e a acomodação, sendo estes mecanismos complementares.⁵

A equilibração representa o resultado da reestruturação do processo do conhecimento, após a resolução de um problema e depois de o sujeito viver uma nova experiência. Entendendo melhor este processo, frente a uma situação desafiadora (um conhecimento técnico apresentado pelo extensionista) o indivíduo vê-se diante de um problema novo no qual esta situação enseja certa desorganização na sua mente (uma desequilibração, algo que o sujeito não tem conhecimento)^{5, 6}. Uma vez tendo entendido o problema com o qual o sujeito se confrontou (o novo conhecimento técnico), sendo este uma reequilibração psíquica, diante daquela situação até então caótica é que ocorre a reequilibração. Para este reequilíbrio ocorrer, necessita-se da afetividade, entendida como o desejo de aprender a interligação entre o afeto e o desejo. Esta junção precisa acontecer, para que ocorram as novas estruturas intelectuais que irão favorecer

CONCLUSÃO

Considerando que em todas as comunidades menos favorecidas, os indivíduos diferem entre si, em uma grande variedade de aspectos, como a motivação, habilidades cognitivas, inteligência, capacidades, interesses, ritmo de desenvolvimento, estilo de

o processo de aprendizagem.^{5,6}

A busca da equilibração é que move as ações do indivíduo, possibilitando a maior apreensão dos conhecimentos necessários para sua aplicação no dia a dia das inovações que proporcionaram melhorias para o pescador e a comunidade como todo.

Neste contexto, a afetividade é vista como fundamental para que o processo se dê plenamente, pois não ocorrendo afinidade entre o apresentado pelo extensionista para o pescador, a ação de busca da equilibração positivamente não ocorrerá.

O desequilíbrio deve ser visto e entendido como o motor que impulsionará o pescador a novas ações (esquema de ação), na direção de um novo equilíbrio (adaptação), tendo em vista o objeto do conhecimento, que é a nova situação frente ao ato de extensão.

A apresentação tradicional do ensino, empirista, “a conhecida educação bancária” que torna o sujeito um receptáculo do conhecimento que lhe é depositado, não provém o conhecimento como realmente deve ser⁷. Os comunitários não podem ser os receptáculos do conteúdo nem o extensionista a despensa do conhecimento. Neste rumo, quando o indivíduo se apropria do conhecimento, este só é uma memorização que não traz nenhum novo significado, já que não faz parte de seu interesse e do seu objetivo. Sendo assim, um conhecimento que em poucas semanas já não será mais lembrado pelo mesmo, tornando o ato de extensão falho e incompleto.

aprendizagem, expectativas, autoconceito, dentre outros, e como estas diferenças intervêm e incidem de forma distinta na aprendizagem de cada um dos indivíduos, o objetivo neste trabalho foi contribuir com os profissionais da educação na compreensão do

mecanismo de aprendizagem.

Para entender melhor o indivíduo em seu contexto biológico – psicológico - social, se faz necessário entender como ele aprende, sabendo que este processo é muito complexo e que a aprendizagem dos indivíduos não depende somente dele, pois neste processo estão envolvidas outras variáveis, como o técnico extensionista, concepções, organização do teórico, metodologias, estratégias, recursos adequados para favorecer o desenvolvimento de todos os envolvidos, dentre outros.

Por este motivo, espera-se que

o extensionista, quando se depare com o comunitário das comunidades menos favorecidas, esteja preparado adequadamente quanto a questão não apenas de instruir, mas essencialmente de educar. Ou seja, possibilitar aos aprendizes um conhecimento, além do específico, um conhecimento alternativo, com o qual estes possam saber solucionar casos que pareçam limitados ou escassos momentaneamente. Estabelecer também que estes encontrem um ambiente adequado, sem discriminação e que lhes proporcione o maior e melhor aprendizado possível.

STUDY OF LERNING APPLIED TO THE EXTENSION ACT: LESS FAVORED COMMUNITIES

ABSTRACT

The importance of learning by the less favored communities (farmers, quilombolas, fishermen, natives, among others) is essential for their adaptation to the requirements of the new times in which we live; In order to meet this demand, adequate skills are therefore needed for those who develop the extension in order to ensure that these communities have this privilege assured. Extensionists must have expert training that enables them to use these services, using appropriate methodologies. The aim of this article is to present a brief description of the results obtained with the extension carried out in less favored communities in the last years of operation of the Federal University of Paraíba. It will be approached theories, highlighting the main ideas of Piaget (1944), to better understand the learning mechanisms presented by these communities, and we end with the presentation of some alternative procedures to increase the effectiveness of communication with communities.

KEYWORDS

Psychopedagogy. Psychobiology. Behavior

REFERÊNCIAS

1. ALBUQUERQUE UP, ARAÚJO TAS, RAMOS MA, NASCIMENTO VT, LUCENA RFP, MONTEIRO JM, ALENCAR NL, ARAÚJO EL. How ethnobotany can aid biodiversity conservation: reflections on investigations in the semi-arid region of NE Brazil Biodiversity Conservation, v. 18, p. 127-150, 2009.
2. ASSENCIO-FERREIRA VJ. O que todo professor precisa saber sobre neurologia. São José dos Campos: Pulso; 2005.
3. BALESTRA MMM. A Psicopedagogia em Piaget: uma ponte para a educação da liberdade. Curitiba: Ibpex, 2007.
4. FURTADO GD, MONTEIRO RA, CORDULA EBL. PESCADORES NA PRAIA DA PENHA, LITORAL SUL DA PARAÍBA: estudos socioambientais das práticas e saberes locais. In: EDUCAÇÃO olhares diversos.1 ed. JOÃO PESSOA: IMPRELL, 2016, v.1, p. 123 - 143.

5. FURTADO GD, CÓRDULA, EBL. Pós-graduação: uma necessidade estressante ao novo educador. Revista Educação Pública (Rio de Janeiro), v. 16, p. 1-9, 2016.

6. FURTADO GD, CÂMARA ACB, COSTA DA. AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DISCENTE EM UMA PÓS-GRADUAÇÃO NA PARAÍBA. Revista ETOS, v. 1, N°. 1, 2017.

7. FREIRE P. Educação como prática de liberdade. São Paulo, 2011.

8. LIMA-SILVA L. Estudo da Viabilidade da Produção em Cativeiro do Peixe Ariacó: Proposta de Conservação Marinha e de Desenvolvimento Local para os pescadores da Praia da Penha – PB. Dissertação de mestrado (PRO-DEMA). UFPB João Pessoa, 2007.

9. PIAGET J. Conferencia 2º Congresso Suíço dos Professores. 08/07/1944, Berna.

10. GLAT R. Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007, cap. 4, p.88.